



O SIMBOLISMO EM PETER PAN: ANÁLISE À LUZ DA PSICANÁLISE DE JUNG

Marco Tulio Cunha Vilela¹
Narciso Laranjeiras Telles da Silva²

Resumo: O artigo propõe uma análise simbólica da obra *Peter Pan*, de James Mathew Barrie, sob a ótica da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, com foco nos elementos arquetípicos presentes na narrativa. A partir do conceito de individuação, o texto explora como a fantasia desempenha um papel central no desenvolvimento psicológico da criança, ao proporcionar um espaço para confrontar suas frustrações, anseios e conflitos internos. A Terra do Nunca é apresentada como um cenário onde as leis da realidade são suspensas, permitindo à criança experimentar seus desejos e angústias inconscientes. Wendy, protagonista da história, assume o papel de uma figura em transição, confrontando questões simbólicas sobre a maturidade e o abandono da infância. A análise investiga as dúvidas implícitas no texto, como a resistência à evolução e ao cumprimento de papéis sociais adultos, como o de mãe e dona de casa. O artigo também examina a habilidade de Barrie em criar uma narrativa rica em simbologia, que possibilita ao leitor refletir sobre o significado da fantasia e seu impacto no imaginário infantil. Por meio de uma linguagem criativa e dinâmica, a obra *Peter Pan* propõe ao leitor um mergulho nas profundezas do inconsciente, em que as imagens arquetípicas e os símbolos permitem uma ressignificação da experiência humana.

Palavras-chave: Peter Pan, Arquétipo, inconsciente.

Abstract: The article proposes a symbolic analysis of *Peter Pan*, by J.M. Barrie, through the lens of Carl Gustav Jung's analytical psychology, focusing on the archetypal elements present in the narrative. Drawing from the concept of individuation, the text explores how fantasy plays a central role in the psychological development of the child, providing a space to confront frustrations, desires, and internal conflicts. Neverland is presented as a setting where the laws of reality are suspended, allowing the child to experience their unconscious desires and anxieties. Wendy, the story's protagonist, takes on the role of a transitional figure, facing symbolic questions about maturity and the abandonment of childhood. The analysis investigates the implicit doubts in the text, such as resistance to growth and the fulfillment of adult social roles, like that of mother and homemaker. The article also examines Barrie's skill in creating a narrative rich in symbolism, enabling the reader to reflect on the meaning of fantasy and its impact on the child's imagination.

¹ Mestrando em Educação pela UFU

² Doutorado em Teatro pela UNIRIO. Professor do curso de Teatro da UFU.

Through a creative and dynamic language, *Peter Pan* invites the reader to dive into the depths of the unconscious, where archetypal images and symbols allow for a re-signification of the human experience.

Keywords: Peter Pan; Archetype; unconscious.

1 - Introdução

O que é a linguagem? Onde ela está? A linguagem é uma relação, fundamentada na angústia do ser humano em suprimir a distância entre ele e o mundo. Ela é O mal, o qual Bataille (2011) descreve como a própria comunicação, ou a capacidade de sair de si para experimentar o outro: Os seres, os humanos, só podem “comunicar” – viver – fora de si mesmos. E como devem “comunicar”, devem querer esse mal, a conspiração, que, colocando o ser em jogo neles mesmos, torna-os penetráveis uns aos outros. Ela (a linguagem) não é nem tanto as coisas, como nem exprime uma forma vazia. Ela exprime uma percepção dimensional dos objetos, que imprimem na consciência uma ideia abstraída da realidade. Ela é o apelo da consciência em trazer à luz um mundo desconhecido, trazendo ao domínio consciente uma natureza indiferente a sua existência racional.

O humano, ao nomear as coisas, as dotam de propriedades que não são inerentes às próprias coisas, mas a sua percepção do fenômeno, daquilo que lhe aparece e o toca. Nomeando ele possui a natureza e tece uma segunda realidade de coisas, a das coisas mentais. Quando alguém fala, invoca em sua mente e na mente do ouvinte uma imagem mental que remete a um objeto antes sentido. Uma criança, que não tem consciência da morte, não possui uma representação do que seja, e por isso pergunta: o que é a morte? No entanto, por mais que se lhe possa explicar, a criança só terá clareza do conceito à medida que ela o percebe em relação a algo. A morte só lhe toca, à medida em que o desânimo é percebido e o silêncio é sentido materialmente. A forma é preenchida pela vivência.

Neste sentido, a linguagem evoca a experiência do ouvinte, e quando este, incapaz de intuir uma imagem mental do significante, procura em sua memória atributos semelhantes que possam preencher tal forma, de modo que ela se mostre consciente. A imagem, então, se forma de relações, de conexões e imagens que produzam sentido, mesmo sem que o sujeito as tenham experienciado, formando uma teia de significações

que transbordam para além dos predicados determinantes das palavras. A imagem em ação, a imaginação, semelha uma ordem paralela a dos objetos da realidade.

À medida que vivemos, que produzimos as coisas e imprimimos na realidade nossa marca e esta se transforma em história, vamos dotando a linguagem de representações cada vez mais complexas e mais profundas. A linguagem, como representação, transcende os limites da pura descrição e passa a operar simbolicamente.

Silvia Tedesco (2015, p. 38) explica que:

A literatura nos impressiona pela força inventiva, nela intensificada por sua ousadia em produzir sentidos a partir de nexos entre signos, cuja impertinência os multiplica e os distanciamento da função meramente descritiva que lhes é atribuída. É por essas vias que a literatura “prolonga e faz emergir vértices de forças visíveis, que tomam forma a partir do que como suporte, uma pulsação invisível.

O símbolo é a dimensão histórica da palavra, que remete já não mais as coisas propriamente ditas, mas a ordem das representações históricas humanas. Roland Barthes (2007, p. 46) explica acerca do símbolo que

A consciência simbólica implica uma imaginação de profundidade; ela vive o mundo como a relação de uma forma superficial e de um *abgrund* multiforme, maciço, poderoso, e a imagem se coroa com uma dinâmica muito forte: a relação da forma e do conteúdo é constantemente relançada pelo tempo (a história), a superestrutura transbordada pela infraestrutura, sem que se possa jamais agarrar a própria estrutura.

Façamos um breve experimento: pensemos na palavra fogo. O que nos vem à mente? Como descrição ele aparece como calor, luz e combustão. Mas na sua dimensão simbólica ele figura como discurso, clareza e conhecimento. E por que isso acontece? Porque, uma vez que se tenta invocar na mente uma imagem que denote uma clareza racional, faltava-se uma imagem que se representa isso. O fogo, como elemento que rasga o véu da escuridão e torna as coisas visíveis, exemplifica a imagem da racionalidade. Dessa forma, o fogo, em sua dimensão simbólica, aparece na Teogonia como imagem da racionalidade. Aparece na Bíblia para Moisés como manifestação do discurso divino. E na filosofia de Heráclito como símbolo do devir. Agora sempre que pensamos em fogo, não conseguimos excluir da ordem das representações tal dimensão simbólica. Os significados vão sendo aglutinados na forma da palavra e dotando-a de uma extensa multiplicidade.

Assim a dimensão fundamental da linguagem é o símbolo. Através dessa realidade simbólica damos sentido a nossa existência e nos fazemos entender e ser entendidos,

tornando claros nossos sentimentos. Por conseguinte, nossa psique é constituída desse material simbólico, seja em sua dimensão consciente, seja em sua dimensão inconsciente. Tal material psíquico se divide em dois, segundo Carl Gustav Jung (2000a): o individual, formado pelas nossas experiências subjetivas no mundo; e um coletivo, proveniente das experiências sociais e culturais do indivíduo, as quais ele recebe hereditariamente, a qual Jung denominará inconsciente coletivo.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo, portanto, uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de *arquétipos*. (JUNG, 2000a, p. 53)

A dimensão arquetípica do nosso inconsciente fundamentará as bases do nosso desenvolvimento psicológico, pois como modelo ela fornece as estruturas básicas sobre as quais a mente se desenvolverá no seu processo de individuação, constituindo um todo psíquico.

Não podemos subestimar o alcance dessa constatação, pois ela significa nada menos do que a presença, em cada psique, de disposições vivas inconscientes, nem por isso menos ativas, de formas ou ideias em sentido platônico que instintivamente pré-formam e influenciam seu pensar, sentir e agir. (JUNG, 2000a, p. 90)

Assim os arquétipos fornecem as formas dentro das quais depositaremos os conteúdos conscientes da nossa experiência. Neste sentido, quando um escritor escreve, ele se apropria dessas formas inconscientes e as preenche com suas representações conscientes, os símbolos da sua experiência subjetiva. Em todo particular contém sempre uma parcela universal, o que garante o entendimento pelo outro, a experiência de alteridade na literatura.

A partir disso, proporemos o objetivo do nosso trabalho, o qual seja: uma análise dos elementos simbólicos na obra literária *Peter Pan*, de James Mathew Barrie (2012), como expressões arquetípicas que fundamentam a experiência psicológica da criança rumo à individuação. Deste modo a fantasia constitui um papel essencial na psicologia da criança, pois ela proporciona a oportunidade de colocar em conflito suas frustrações e

anseios para que possa vir a se tornar um ser integral. Há então um embate no conflito fantástico entre as figuras simbólicas que a constituem, colocando-a fora de si e fazendo-a experimentar o mundo hostil destituído da proteção e cuidado que caracterizavam seu microcosmo familiar. A fantasia, na forma de literatura, garante que a criança, e o homem, em todas suas fases, experimentem um universo despossuído de sentido e lógica, onde a linguagem simbólica o leva a ressignificar sua postura no mundo. Bruno Bettelheim (2002, p. 65) explica que

A criança que está familiarizada com os contos de fadas compreende que estes lhe falam na linguagem de símbolos e não a da realidade cotidiana. O conto de fadas transmite desde o início, através da trama e no seu final a ideia de que a narrativa trata não de fatos tangíveis ou lugares reais. Quanto a própria criança, os acontecimentos reais tornam-se importantes pelo significado simbólico que ela lhes atribui, ou que nelas encontra.

A fantasia, enquanto lugar em que estão suspensas a lógica ordinária, possibilita o ensaio da resolução das várias problemáticas simbólicas que se apresentam diante da criança. A Terra do Nunca figura então como um espaço em que, liberta das determinações da realidade, a criança possa fazer emergir de sua inconsciência os seus desejos e suas angústias.

Wendy, como a protagonista de *Peter Pan*, põe-se a caminho da Terra do Nunca para a experiência do estranho, para colocar à prova suas expectativas quanto ao papel que irá desempenhar na vida adulta em contraste com a sua figura infantil atual. É compensatório evoluir e desapegar da infância? Quero mesmo abandonar a minha infância para me tornar dona de casa e mãe? São perguntas implícitas que jazem no texto de *Peter Pan* e as quais nos encarregaremos de responder. O não-dito figura como espaço aberto para a inserção do leitor na própria experiência de Wendy.

A terra fantástica a qual James Barrie nos conduz faz emergir de nossas mentes nossas fantasias há muito guardadas, transbordando nossos conteúdos simbólicos inconscientes mais secretos e fazendo com que, através da imaginação, sejamos capazes de contemplar um lugar em que a linguagem assume uma postura criativa em seu grau extremo, quebrando as representações padronizadas e repensemos nossa atitude do mundo. Uma das mais belas “experiências do fora”.

Barrie não era apenas escritor, mas um intelectual formado, reitor da Universidade de St. Andrews. O escritor conhecia muito bem as palavras, como desenhá-las para que assumissem os mais diversos contornos. *Peter Pan* não é uma obra do acaso, mas fruto

de uma experiência viva advinda da observação da infância em sua proximidade essencial: a da amizade.

Assim, primeiramente analisaremos os elementos que constituem o pano de fundo sobre o qual se desenvolve a história. Qual a interpretação simbólica do tempo e do espaço. Por conseguinte, analisaremos o personagem de *Peter Pan* como figura arquetípica da criança presente em Wendy. E, por último, faremos uma análise simbólica da própria Wendy, que se projeta na história a desempenhar o papel arquetípico da mãe.

2. O antes do nunca

Começemos nossa análise de *Peter Pan* pelos elementos que constituem o pano de fundo que sustentam a narrativa. Observemos como a ideia se constrói e vai tomando seus contornos próprios para que se justifique a partida de Wendy. A primeira impressão que se tem, o primeiro olhar superficial, é de uma história inocente, voltada para crianças e que visa apenas o entretenimento. Mas, se aferrarmos nosso olhar, se nos atentarmos à organização dos elementos simbólicos do texto, penetraremos em seus sentidos mais profundos.

A história começa, já em seu primeiro parágrafo, com uma expressão da Sra. Darling, mãe de Wendy, que é uma mistura de angústia e admiração: “Ah! Porque você não pode ficar assim pra sempre?” Barrie (2012, n.p.). O primeiro conflito se apresenta. O conflito materno entre a necessidade de a criança evoluir e torna-se independente face ao desejo da mãe de mantê-la sempre pequena e sobre seus cuidados. Os filhos crescem e o primeiro parágrafo já anuncia que esta é uma história de evolução, de como a criança se movimenta para, já em certa idade, ensaiar os primeiros passos sozinhas rumo à independência. Bettelheim, escreve:

Se alguém acreditasse num grande desígnio para a vida humana, poderia admirar a sabedoria que faz com que uma grande variedade de eventos psicológicos se organize para coincidir exatamente no tempo certo, reforçando-se mutuamente, de modo que o impacto sobre o jovem ser humano o empurre para fora da infância, jogando-o na meninice. Exatamente quando a criança começa a ser tentada pelo aceno do mundo mais amplo para sair além do círculo limitado que cerca a ela e a seus pais, suas decepções edípicas a induzem a desligar-se um pouco deles, que até então eram a única fonte de seu sustento físico e psicológico. (2002, p. 136)

É tempo de Wendy crescer, de perder a inocência e adentrar na dimensão cada vez mais complexa da vida adulta, de tomar forma em relação ao seu futuro e de se diferenciar, sobretudo, de seus pais, como um ser independente. Mas também é tempo de os pais darem espaço aos filhos, de aceitarem seu desenvolvimento rumo à vida adulta, rumo à construção própria de sentido, rumo ao conflito inevitável daquilo que a sociedade espera que você seja e do que você realmente quer ser.

A mãe, um dos grandes elementos simbólicos do livro, protege os filhos de tudo. E para isso ela não mede esforços. Ela até mesmo cerceia a liberdade dos filhos e, de um modo bem invasivo, bisbilhota sua cabeça a fim de organizar seus pensamentos.

À noite, todas as boas mães esperam seus filhos irem dormir para remexer suas mentes e arrumar tudo para a manhã seguinte, recolocando nos locais certos e diversos itens que saíram do lugar ao longo do dia. Se você conseguisse ficar acordado (mas é claro que não consegue), ia ver sua mãe fazendo isso, e ia achar muito interessante observá-la. (Barrie, 2012, n.p.)

A matriarca é responsável por determinar a ordem dos nossos pensamentos através do cuidado, da repressão, de modo que durante o sono, ou o momento em que o inconsciente emerge, elas reorganizam os conteúdos da nossa consciência. A mãe é a vigia, a protetora, que por meio do cuidado garante o desenvolvimento saudável o filho. O autor coloca em parêntese, “*mas é claro que não consegue*”, ou seja, porque é um processo inconsciente, produzido pelo arquétipo da mãe inconsciente. Jung descreve o arquétipo da mãe como:

o "maternal": simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar da transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal (Jung, 2000a, p. 92)

A Sra. Darling percebe então que uma figura anda tomando conta dos pensamentos de Wendy. Um tal de *Peter Pan* rabiscou seu nome nas “paredes da mente de Wendy”. A mãe então percebe o quão seduzida a filha está por essa figura e lhe angustia o fato, porque ela mesma já passou pela experiência que Wendy irá passar, o inevitável fato de que ela está crescendo e que a sua criança interior está vindo lhe visitar para um encontro derradeiro. A mãe tenta evitar, fechar as janelas da casa e impedir que

o estranho entre e a leve de sua segurança, de sua proteção e a faça perceber a amplitude do mundo e concretize a separação entre o filho e a mãe.

No primeiro momento ela consegue espantar Peter, separando-o de sua sombra. A sombra, figura simbólica da alma, fica aprisionada dentro de uma gaveta. A Sra. Darling em sua ignorância faz com que o espírito habite o quarto de Wendy. É questão de tempo até que ele volte para reclamar sua sombra e levar a garota consigo.

Assim, numa noite em que os pais de Wendy saem, num movimento bem literal em que a casa fica vazia, Peter volta. É interessante notar como ele sempre vem à noite. Pois a noite figura como símbolo do inconsciente. A fantasia emerge do inconsciente, da necessidade de a criança entender e reordenar os conteúdos simbólicos que a constitui.

os produtos da fantasiada segunda espécie (como também os da primeira) surgem em um estado de intensidade reduzida da consciência (em sonhos, sonhos acordados, delírios, visões, etc). Nesses estados cessa a inibição provocada pela concentração da consciência sobre os conteúdos inconscientes, e assim jorra, como que saindo de portas laterais abertas, o material até então inconsciente, para o campo da consciência. (Jung, 2000b, p. 157)

Wendy acorda e vê Peter. Não demora e ele a ensina a voar, ela libera sua sombra e os dois partem rumo à Terra do Nunca. Mas é só os dois? Os irmãos de Wendy não vão junto? Não. Os irmãos de Wendy são partes constituintes da personalidade de Wendy e quando ela os acorda não os acorda realmente, mas é como que se ela não se percebesse diferente deles, como se não houvesse diferenciação entre quem ela é e o que eles são. A viagem de Wendy a guiará a compreender quem ela realmente é, rumo a um processo de individuação que a constituirá como um ser subjetivo.

A personalidade (ou seja, o "si-mesmo") encontra-se ainda no estágio da pluralidade, isto é, um eu talvez esteja presente, mas ainda não pode experienciar a sua totalidade no quadro de sua própria personalidade, a não ser no âmbito da família, da tribo ou da nação; encontra-se ainda no estágio da identificação inconsciente com a pluralidade do grupo. (Jung, 2000b, p. 166)

Wendy então abandona sua casa, abandona o conforto e a proteção. No sentido mais profundo abandona seus pais, sua mãe e põe-se a caminho do território estranho do Nunca. Põe-se à experiência da fantasia em seu grau mais elevado, enquanto conflito de si mesma, busca que procura a sua identificação na exposição e embate de seus desejos e medos. Mas de antemão o autor já alerta: “eu prometo solenemente que vai dar tudo certo no fim”. (Barrie, 2012, n.p.) E como Bettelheim (2002, p. 66) escreve:

O conto de fadas, a partir de seu começo mundano e simples, arremessa-se em situações fantásticas. Mas por maiores que sejam os desvios – à diferença da mente não instruída da criança, ou de um sonho – o processo da estória não se perde. Tendo levado a criança numa viagem a um mundo fabuloso, no final o conto devolve a criança à realidade, da forma mais reasseguradora possível. Isto lhe ensina o que mais necessita saber neste estágio de desenvolvimento: que não é prejudicial permitir que a fantasia nos domine um pouco, desde que não permaneçamos presos a ela permanentemente. No final da estória o herói retorna à realidade – uma realidade feliz, mas destituída de mágica.

Portanto, já estamos previamente segurados de que Wendy voltará. De que a sua viagem lhe trará de volta aos pais. Não a mesma Wendy, mas uma menina transformada pela fantasia, que soube articular os conflitos de sua jovem mente e resolver os problemas representados simbolicamente pelo seu inconsciente.

3 - Quem é Peter Pan?

Agora voltemos a nossa atenção para a principal figura do livro, a figura título, responsável por levar Wendy à Terra do Nunca. Peter divide com Wendy o posto de protagonista da história, exatamente porque a sua própria existência, tanto quanto a de Wendy, se encontra em cheque. O modo como as coisas irão se desenrolar e se resolver determinará o futuro de Peter dentro do inconsciente de Wendy e como ele irá perdurar em sua memória inconsciente.

Assim, Peter como o “guia espiritual” de Wendy é a representação do arquétipo da criança, da garota colocada fora pela fantasia. Será ele o principal responsável por conduzi-la pelas sendas do desconhecido onde o maravilhoso e o insólito se contrastam sem delimitação. O nome Peter vem de uma das crianças Llewelyn que Barrie conheceu. Só isso já seria suficiente para condensar no nome uma representação infantil que atravessa a palavra e nos alcança em sua dimensão simbólica. No entanto Peter possui um segundo nome derivado da mitologia grega: Pã. “É possível que o personagem de James Barrie seja mais um derivado do culto ao deus grego Pã, fenômeno que percorreu a era eduardiana” (Barrie, 2012, n.p.). Isto só reforça ainda mais seu caráter arquetípico, pois como divindade ele figura dentro de um universo simbólico que representa o inconsciente coletivo de uma cultura. Jung explica que “no folclore o motivo da criança aparece sob a forma de anões, elfos, como personificações de forças ocultas da natureza”. (JUNG, 2000a, p. 159)

Personificado como uma divindade Peter agrega em si características supra-humanas, como uma coragem superior e outras virtudes potencializadas ao extremo. É a criança-herói que irá contrastar com a figura consciente da criança, limitada pela ordem e pela moralidade dada pelos seus pais. A criança arquetípica é assim: fluxo livre, desejo incontido que emana para fora do inconsciente e leva a criança real a suas últimas consequências. Ela como que diz: eu sou a vida em sua essência, ilimitado e livre, eu quero o mundo em sua totalidade, porque o mundo sou eu. Uma das principais características de Peter é a arrogância, prepotência e o sentimento de onipotência.

Ele se vê como “maioral”, o líder, o menino mais valente. Seu único ponto fraco é quando sua superioridade é ameaçada, destituída de admiração pela admiração de outro, como quando os meninos demonstram conhecer bem a Terra do Nunca: “Peter ficou um pouco irritado por eles saberem tanta coisa; mas, se ele queria ser o maioral, sua chance ia chegar em breve...” (Barrie, 2012, n.p.)

Neste sentido, Peter, como representação arquetípica, está ameaçado sempre pela perseguição, pelo perigo. Isto significa que a própria infância de Wendy está em perigo e que, no processo de amadurecimento da menina, se ela não souber condensar as várias multiplicidades do seu inconsciente, pode ser que sua representação da infância fique legada ao esquecimento. O perigo que persegue Pan constitui um dos grandes conflitos a serem superados no livro, rumo à individuação de Wendy.

A criança ora tem o aspecto da divindade criança, ora o do herói juvenil. Ambos os tipos têm em comum o nascimento miraculoso e as adversidades da primeira infância, como o abandono e o perigo da perseguição. Por sua natureza, o primeiro é inteiramente sobrenatural e o segundo é humano, porém elevado ao limite do sobrenatural (é semidivino). O deus, especialmente em sua íntima afinidade com o animal simbólico, personifica o inconsciente coletivo ainda não integrado em um ser humano, ao passo que o herói inclui a natureza humana em sua sobrenaturalidade, representando desta forma uma síntese do inconsciente (“divino”, isto é, ainda não humanizado) e da consciência humana. Significa consequentemente uma antecipação potencial de uma individuação que se aproxima da totalidade. (Jung, 2000a, p. 166-167)

O perigo, encarnado na figura do Gancho, é uma figura com características também sobrenaturais. Gancho é um dos homens mais temidos do mundo, que aterroriza até mesmo os homens mais maléficos. No entanto, é uma figura solitária e silenciosa, o qual estabelece um contraste com a figura alegre de Peter. Duas figuras masculinas que compõem o inconsciente de Wendy. Ora o homem visto como símbolo do herói e da

liberdade, numa época em que as mulheres eram destinadas ao trabalho doméstico e ao cuidado dos filhos. Wendy vê a coragem como algo não seu, como algo do outro. E ora o homem visto como moral, como lei e regra que persegue e ameaça a liberdade. Aspectos dualistas que estão em conflito na mente de Wendy.

Gancho no inglês se escreve Hook. A grafia se assemelha a Hooker, ou prostituta no inglês. O vilão usa uma peruca vitoriana, assumindo contornos femininos. Gancho então figura como a ameaça não só à menina infantil Wendy, mas as suas projeções como mulher adulta. Vencer Gancho é também, de certa forma, controlar seus impulsos sexuais. Como a sociedade em que Wendy está inserida impõe que as mulheres sejam recatadas e formadas para o cuidado ao lar, a possibilidade de se tornar uma prostituta é um medo que se apresenta, caso Wendy não seja capaz de controlar seu desejo.

Assim, em um polo, está Wendy tentando agir como mãe e desempenhar um papel de cuidado com Peter e os meninos da ilha, e, no polo oposto Gancho, como figura destrutiva que ameaça não só a infância, mas a realização da mãe. O principal medo de Gancho é o crocodilo que engoliu um relógio, ou seja, a ameaça ao vilão é ser devorado pelo tempo, o medo de se perder na sua própria angústia em não capturar a liberdade infantil de Pan.

Ou seja, para Barrie (2012) e para a sociedade em que ele estava inserido, a liberdade da prostituta era apenas aparente, a liberdade a qual ela buscava, era a realização da sua criança interior, a liberdade que a mente infantil tinha de fantasiar e realizar não o desejo sexual erótico, mas o desejo criativo. Assim, dentro dessa perspectiva, o desejo criativo é ameaçado pelo desejo sexual erótico.

Mas, ao passo que Peter está em perigo, ele mesmo, também, constitui um certo tipo de perigo. O menino que não tem memória, mas vive somente o agora, o instante, não tem ciência da finitude. Para ele a morte é indiferente, pois ele se vê como o motor que gera a realidade, sem ele nem mesmo a morte existiria. Assim, Peter encara a morte com naturalidade e coragem, ele tanto mata os piratas sem o menor remorso, quanto enfrenta a morte sem medo. Como Jung explica “ ‘Matar’ na boca de uma criança é por isso algo de inofensivo, tanto mais quando se sabe que ela usa a palavra "matar" indiferentemente para todos os modos possíveis de destruição, afastamento, aniquilamento etc. (JUNG, 2000, p. 13)

Vivendo apenas a aventura do presente, a existência de Peter é um fim em si mesma, o desejo pulsante de vida e criatividade que pretende “esgotar” o infinito da vida.

É realmente uma tristeza lastimável reprimirmos com tanta violência nossos instintos infantis, pois eles são a base da imaginação e do homem artista.

4 - A mãe futura

Passemos agora para a análise da figura protagonista do livro e o cerne de todas as questões. Já está explícito que Wendy está evoluindo e crescendo. Mas ela possui um destino, seu objetivo já está previsto nos momentos iniciais através da apologia à figura maternal. Wendy tem que se tornar mãe. Seu maior designo rumo à individuação é a superação de todas as dificuldades virtuais que se apresentam na Terra do Nunca.

No primeiro momento em que Wendy pisa na Terra do Nunca, ela é atingida por uma flecha provocada por uma armadilha de Sininho. Wendy morre. Mas Wendy renasce. Tal fato é seguido de acontecimentos tão poderosamente simbólicos que marcaram a existência de Wendy para sempre. Como já dissemos Wendy morre e renasce. O que morre é a menina, a figura infantil, para reencarnar em seu corpo o espírito materno. Wendy nesse momento sente a dor do parto, uma dor lancinante que a faz parir seus filhos. A mãe nasce juntamente com o filho, o parto produz dois seres: faz morrer a mulher e faz nascer a protetora.

Neste sentido, qual a primeira coisa que os meninos perdidos fazem para Wendy? Uma casa. A casa é o símbolo da mãe, do aconchego, da proteção e do cuidado. A casa guarda as memórias, conserva nossa ligação com o passado. A casa, nosso primeiro mundo, pequeno espaço de nossa existência em que tudo possui sentido, porque é habitado e guardado pela mãe. Assim eles a coroam como sua mãe, fazendo uma casa do modo que Wendy queria. Então Wendy e os meninos cantam:

Eu queria uma casinha/Tão pequenina de se ver, /Com paredes bem vermelhas, /E no teto musgos a crescer/ A gente faz parede e teto/ E uma porta bem linda/ Diga mamãe Wendy, / o que você quer ainda? / Agora quero janelas/ é meu pedido da vez/ Com rosas aqui fora/ e dentro meus bebês/ (Barrie, 2012, n.p.)

Então depois que a casa fica pronta, que Wendy está apta a ser mãe, os meninos exclamam: “Oh, moça Wendy, seja nossa mãe!” ao passo que Wendy responde: “é claro que é uma proposta fascinante. Mas, sabem, eu sou só uma menina. Não tenho experiência de verdade”. No que Peter intervém: “Isso não importa (...) a gente só precisa de uma

pessoa legal que seja assim, meio mãe”. (Barrie, 2012, n.p.) E Wendy finaliza: “olhem, acho que sou exatamente assim”. (Barrie, 2012, n.p.)

Assim Wendy imagina o que é ser mãe, tem a forma arquetípica da estrutura da mãe, no entanto não tem a experiência. A sua mãe, seu principal modelo, fornecerá o exemplo a ser perseguido de mãe, aquela que costura à beira da cama, que conta história e nutre o lar de felicidade. A fantasia, então, fará com que Wendy descubra as dificuldades da maternidade, os desafios, as angústias e as alegrias de ter uma casa cheia de crianças.

No final desse capítulo chamado “A Casa”, Peter adormece do lado de fora vigiando a casa. Peter, como a criança arquetípica de Wendy está fora, pois, para ser mãe é necessário deixar a infância e ingressar na seriedade da vida adulta. Wendy, então, vê Peter como uma figura masculina, o homem da casa, mesmo que este não se comporte e nem se entenda como homem do lar. No ensaio da fantasia os elementos não funcionam segundo o desejo do sujeito, o que frustra Wendy por Peter não vê-la como mulher.

Uma das dificuldades que Wendy passa é uma reprodução do que sua própria mãe fazia. Antes de dormir, ela se colocava na beira da lareira para costurar as roupas das crianças. Do mesmo modo, Wendy põe-se a cerzir a meia dos tantos meninos perdidos que encenam seus filhos, no que o narrador fala:

Quando Wendy se sentava com uma cesta cheia de meias para cerzir, todas com um furo enorme no calcanhar, ela jogava os braços para o alto e exclamava: - Meu Deus, às vezes acho que quem não tem filho é que é sortudo! Mas sempre abria um enorme sorriso quando dizia isso. (Barrie, 2012, n.p.)

Ser mãe implica perder a própria liberdade para garantir a de outro. Uma experiência de extrema alteridade, que desconstrói a consciência egoísta e funda uma mente atenta às necessidades dos outros. A mãe vive para garantir o sustento e o desenvolvimento dos filhos, ela se doa plenamente ao seu projeto. Arquétipo reprimido na consciência de Barrie, que experimentou o abandono psicológico da mãe quando seu irmão morreu. Porém, não cabe aqui tecer interpretações a respeito da experiência materna de Barrie.

Wendy enquanto mãe também experimenta a angústia de poder perder um filho. Constantemente os meninos estão lutando e entrando em conflito com os perigos da Terra do Nunca. Ela precisa passar pela prova de que o mundo real também é perigoso e que ameaça seus filhos constantemente. Viver é saber lidar com conflitos e frustrações, de

modo que a mãe deve saber orientar os filhos, para que estes se sintam seguros quando forem tomar suas próprias decisões.

5 - O fim do nunca

Do mesmo modo que a viagem à Terra do Nunca se inicia durante a noite, no sono, sua volta também é encenada durante a noite. O clímax da estória dá-se durante a madrugada, quando acontece o embate entre Peter e Gancho. Embate este que determinará o futuro do arquétipo da criança de Wendy. Se o Gancho vencer, quer dizer que a fantasia sucumbiu perante a ordem moral e repressiva da realidade. No entanto, Peter vence, e sua vitória simboliza a resolução da problemática inicial acerca do crescimento de Wendy. A vitória de Peter coroa a infância de Wendy como um período bem construído em que foi possível que ela articulasse seus desejos e medos, a fim de se tornar uma adulta plenamente desenvolvida. Wendy consegue responder suas perguntas fundamentais que a inquietavam sobre o momento de transição da infância para a mocidade e pode agora, então, voltar ao mundo real muito mais segura de si.

Wendy volta, confiante de que a janela estará aberta, de que seus pais lhes esperam ansiosamente. O narrador cria uma tensão, coloca em dúvida o amor dos pais e nos pergunta se eles ainda se lembram dos filhos. Mas como ele mesmo diz essa não é uma estória doutrinadora, não há moral final. O que se quer mostrar não é o fato de que a criança que abandona o lar deve ser punida, mas é um movimento necessário para o crescimento.

Por fim, Wendy cresce, vira mãe e tem uma filha. O livro então termina da maneira mais simbólica possível. A filha de Wendy conhecendo e indo embora com Peter. A estória finaliza do mesmo modo que começou, pois é um eterno retorno das nossas relações que constituem o próprio desenvolvimento do ser humano. Da mesma forma que a mãe de Wendy um dia passou pelo que ela passou, sua filha também passará.

Considerações finais

Com nossa análise, não pretendemos esgotar o campo das interpretações do texto de Barrie, nem mesmo taxá-la com um selo psicanalítico. Muito pelo contrário, se há uma coisa que podemos afirmar é que dado o grande simbolismo do livro, ele se mantém aberto para as mais diversas perspectivas.

Barrie desvela um universo gigantesco que jaz dentro da imaginação. Através da palavra fantástica rompe com a ordem lógica da realidade e nos lança num lugar em que a mente livre pode vir tanto a experimentar sentimentos nostálgicos, quanto ser capaz de projetar futuras resoluções para os problemas da infância. A fantasia nos joga para fora do campo do discurso cotidiano superficial e determinado e, conforme Tatiana Salem (2011, n.p.), “coloca o leitor em contato com a irrealidade da obra, com esse mundo imaginário que toda narrativa evoca. E é por isso que a palavra literária, em vez de representar o mundo, apresenta o que Blanchot denomina “o outro de os mundos”.

O conto de fadas, a fantasia, a literatura em toda a sua dimensão abre as portas para a experiência humana em sua totalidade, levando-nos a ressignificar a sua realidade e o possibilitando a se libertar do reino repressivo da ordem técnica. A imaginação nos mostra um mundo de criatividade ilimitada, que nos realiza por permitir que possamos ser quem queremos ser. E se hoje em dia ela parece banal, coisa boba, é necessário então que voltemos à Terra do Nunca para resgatarmos nosso Peter, para que a nossa criança nunca nos abandone, andando lado a lado conosco, enfrentando os Ganchos do mundo real.

Referências

BARRIE, James Mathew. **Peter Pan**: edição definitiva comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. (EBOOK)

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007. 107 p. (Coleção Estudos; v. 70)

BATAILLE, Georges. *A literatura e o mal*. Tradução de Antônio Carlos Viana. 3. ed. Porto Alegre: L&PM, 2011. 168 p. (Coleção L&PM Pocket).

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2000a. Tradução de: Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva.

JUNG, Carl Gustav. **O Desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2000b.

TEDESCO, Silvia. A literatura e as reviravoltas do sentido. Revista **Trágica**: estudos de filosofia da imanência, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 38-49, 3º quadrim. 2015.

SALEM, Tatiana Levy. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.